

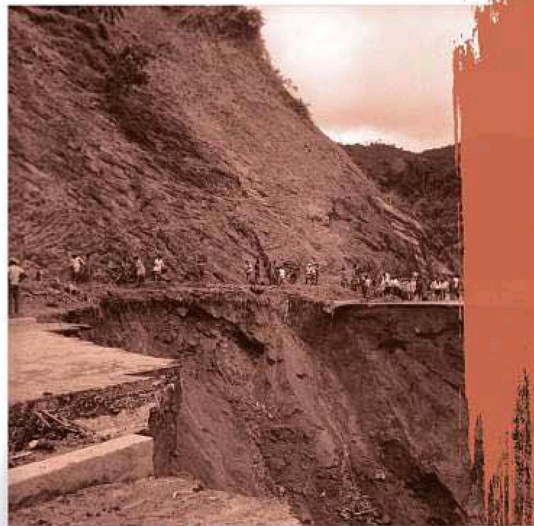


SERRA DAS ARARAS

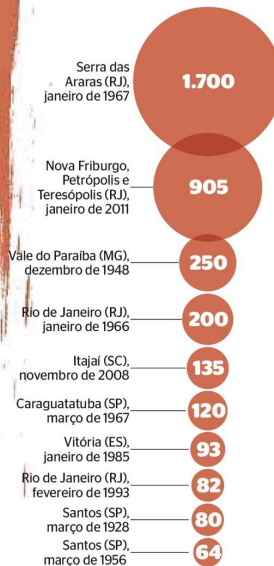
REPORTAGEM **Bruno Alfano** ARTE **Toni Azevedo** INFOGRAFIA **Kamilla Pavão** FOTOS **Guilherme Pinto e arquivo**



Conheça os detalhes da maior tragédia natural da história do país, que, há 50 anos, deixou 1.700 mortos no Rio



NÚMERO DE VÍTIMAS



DILÚVIO DE VIDAS

Seu Dilson, de 89 anos, não tem mais condições de falar do que viveu. Em 1967, vivia numa casinha na área rural de Parai com a mulher e os seis filhos. Na noite de 24 de janeiro daquele ano, saiu da casa no fim da tarde pela última vez. Um dilúvio caiu sobre a região, matando toda a família e mais cerca de 1.700 pessoas nas comunidades no entorno da Serra das Araras — a maior tragédia natural da história do país. Seu Dilson foi localizado pelo EXTRA, mas a família (a que construiu após as mortes) não autorizou a entrevista porque ele passa mal sempre que se lembra do que viveu.

— O evento foi de uma catástrofe inimaginável.

Essa é uma chuva que acontece de 350 em 350 anos — afirma o engenheiro civil Creso de Franco Peixoto, da

Unicamp, autor de um estudo sobre a tragédia.

A Via Dutra estava sendo duplicada naquele ano. Ao lado dela, aos pés da serra, foi montado um alojamento da Empresa Metropolitana de Terraplanagem onde moravam 300 pessoas. Eram os operários que trabalhavam na estrada com suas famílias. Só ali foram quase 150 soterrados. A estimativa de pesquisadores é que quase 1.400 corpos ainda estejam enterrados do topo ao sopé da Serra das Araras. É a história dessa tragédia esquecida que o EXTRA começa a contar hoje.

— Um vizinho meu, cavando atrás do meu quintal, achou osso e pedaço de carro. Se mexer por aqui, ainda encontra. Eu fui um poço aqui do lado e também encontrei osso. Tipo um pedaço de costela. E a água não dá para beber porque fica fedendo à lama podre — conta Norma Sueli da Silva, de 51 anos, que mora no local onde ficava o alojamento.

Somente um ônibus que passava pelo local teve 14 mortos — entre eles, uma mulher que mudou a data da viagem para aquela noite e acabou perdendo a vida junto com seus quatro filhos. Em outro coletivo, que fazia o trajeto de São Paulo para o Rio, uma mulher deu a filha de 1 ano e meio para um homem tentar salvá-la no meio da enxurrada. A água, no entanto, carregou o rapaz junto com a criança por três quilômetros. A menina ficou desaparecida por três dias e, quando as notícias chegaram, foram as piores possíveis: ela não resistiu à chuva.

— Foi uma chuva que eu nunca mais vi na vida — conta Maura da Costa, de 81 anos, moradora de Caiçara. — Eu morava no segundo andar, mas a minha casa estava para despençar. Só consegui me salvar e salvar meus filhos porque um vizinho botou uma escada na minha janela e a gente conseguiu sair de casa.

O tamanho da chuva pode ser medido em números. Em três horas, caíram 275mm de água — para se ter uma ideia, em julho inteiro do ano passado foram 138,6mm na cidade do Rio. O volume também foi bem maior do que a chuva da Região Serrana, em 2011. Naquele ano, a chuva foi de 140mm em 24 horas.

DEPOIMENTO

'Nunca vou me esquecer daquela noite'

Eram mais ou menos dez da noite quando começou a chuva. Chovia muito, moço. Nunca tinha visto nada igual aquilo na minha vida. E, depois, nunca mais vi de novo. Morava muita gente lá no bairro. Eu vivia com meu marido e a gente tinha sete filhos. A minha filha mais velha tinha 15 anos. Sobrevivemos, mas nunca vou me esquecer daquela noite. Quase todo mundo perdeu parente na chuva.

MAURA DA COSTA
Sobrevivente da maior tragédia natural do país



'A tragédia está nos meus ossos'

Barbara Osorio McLaren tinha 28 anos no dia da tragédia. Ia em direção a São Paulo num ônibus da viação Cometa. A jovem, uma alemã que veio para o Brasil com a família em 1950, viu a estrada se abrir à frente. Ela sobreviveu. Passou a noite toda dentro do ônibus. Na manhã seguinte, tentou descer a serra a pé. Foi quando desmaiou. Ao acordar, estava em Lisboa, em Portugal.

— Me despacharam direto para Portugal no primeiro avião, e só acordei em Lisboa! Quando me acordaram, eu estava estendida em três assentos, com as pernas muito inchadas. Demorei 25 anos para voltar ao Brasil — conta a agora senhora de 78 anos, por e-mail, que atualmente mora em Londres, na Inglaterra. — Eu ainda tenho o bilhete com o nome do motorista. Foi graças a ele que nós sobrevivemos. Todos os anos, me lembro dessa tragédia. Parece que ela está nos meus ossos.

Até hoje, a sobrevivente não se esquece dos corpos que viu pendurados, dos pedaços de corpos e dos carros enterrados na lama. A pergunta que ela se fez, e que até agora não tem resposta, é como não havia nenhum sinal de socorro: — A tragédia aconteceu durante a noite. E, de manhã, com o céu azul acima de nós, não havia ninguém para nos ajudar. x



AMANHÃ
Prisioneiros deixaram cadeia para ajudar no resgate.